

A FINITUDE DA VIDA: CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DA MORTE E DO LUTO

THE FINITUDE OF LIFE: HISTORICAL CONCEPTIONS OF DEATH AND GRIEF

KNAPP, Stephanie Kamille ¹

PEREIRA, Tiago Luiz ²

¹ Graduanda em Psicologia do Centro Universitário UCEFF/ Itapiranga, SC, Brasil.

² Mestre em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais. Professor e Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário UCEFF/ Itapiranga, SC, Brasil.

E-mail para correspondência: stephaniekaknapp@gmail.com

Grande área do conhecimento: Ciências da Saúde.

RESUMO

A morte, embora universal e inevitável, constitui um tema cercado por tabus que ao longo da história da humanidade, recebeu diversas concepções e significados atribuídos por diversas civilizações. Povos antigos, como egípcios, gregos e medievais tratavam os mortos com naturalidade, não os apartavam dos vivos, e vinculavam os ritos fúnebres ao seu cotidiano. Espaços destinados ao enterro, por vezes eram frequentados como locais de passeios, as pessoas não se molestavam em ver aqueles que se foram, tamanha era a habitualidade. Contudo, houve uma ruptura nessa visão na sociedade contemporânea, a morte então passa ser negada, silenciada e afastada do convívio social, o processo de morrer tornou-se algo solitário, restrito ao moribundo. Diante disso, o presente trabalho, por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, analisa as mudanças ocorridas na percepção sobre a finitude da vida ao longo do tempo,

com o objetivo de compreender como fatores sociais, culturais e temporais influenciam a forma como as pessoas concebem a morte.

Palavras-chave: Luto, Morte, Finitude da vida, História.

Abstract

Death, although universal and inevitable, remains a theme surrounded by taboos and has received diverse conceptions and meanings throughout human history. Ancient civilizations, such as the Egyptians, Greeks, and medieval societies, treated the dead with naturalness, did not separate them from the living, and incorporated funerary rites into everyday life. Burial spaces were often frequented as places of social interaction, and the presence of the deceased was not disturbing, given its habituality. However, in contemporary society, this perspective shifted: death came to be denied, silenced, and distanced from social coexistence, and the dying process became solitary, restricted to the moribund. In this context, the present study, through a qualitative bibliographic research, analyzes the changes in the perception of life's finitude over time, aiming to understand how social, cultural, and temporal factors influence the ways in which people conceive death.

Keywords: Grief, Death, Finitude of life, History.

1 INTRODUÇÃO

A morte, do ponto de vista científico, é considerada a parada completa das funções vitais e o início da decomposição total do corpo do ser¹. Trata-se de um fenômeno natural, que faz parte de todo o desenvolvimento humano, presente de uma forma ou outra no cotidiano. Ainda assim, há por grande parte da sociedade ocidental um forte sentimento de repulsa e negação em abordar esse tema, reflexo das diversas mudanças culturais e temporais ocorridas ao longo do tempo².

Entretanto, a morte não se constitui somente como um fenômeno biológico natural, mas também como um fenômeno antropológico que adquiriu, ao longo da história da humanidade uma profunda simbologia atribuída por

diferentes povos e culturas. Ela representa o maior limite de qualquer ser vivo, que inevitavelmente, se deparará diante do seu momento final. É algo certo, mas com hora incerta. A vida, portanto, é a todo momento ameaçada pela morte, experiência individual, única e certa de cada ser³.

Essa simbologia antropológica foi, e ainda é, profundamente influenciada por diversos fatores internos e externos, como aspectos sociais, naturais, religiosos e culturais⁴. Na teologia, o término da vida geralmente é atribuído a divisão entre corpo e alma, uma ruptura entre a parte mortal e a imortal. A morte então seria direcionada somente ao corpo, que na sua fragilidade padece e se decompõe. A alma, no entanto, permaneceria imutável e eterna³.

A finitude da vida, por muitos anos, foi vista como um acontecimento natural, assim como o nascer. Os mortos não eram apartados dos vivos, e as pessoas não se molestavam em frequentar os cemitérios, estes que eram lugares por vezes de passeios. Ocasionalmente, cadáveres eram deixados no meio das ruas, pois a visão da condição mortal era algo comum, cotidiana. A morte estava amplamente presente nas artes, nas decorações, nas fotografias (conhecidas como post mortem, no qual há o retrato do ente falecido, muito comuns na Era Vitoriana XIX) nos jogos e na dança, frequentemente retratada de modo folclórico e alegre⁵.

Todo esse significado da morte vem de maneira originalmente externa para o indivíduo, proveniente de sua cultura e passada com nuances pelas gerações. Ao longo do tempo, esse conceito é internalizado no ser por meio de suas próprias experiências e de suas relações sociais, e assim, converte-se em um significado singular e único para a pessoa⁴.

Portanto, o presente trabalho justifica-se pela escassez de discussões atuais acerca da temática da morte e do morrer. Refletir sobre o limiar da existência e sua chegada constitui-se como um grande desafio para as pessoas, especialmente na contemporaneidade. O fim da vida não se restringe apenas a um aspecto biológico, mas também envolve dimensões sociais e ocupacionais⁶.

Com o objetivo de trazer uma reflexão acerca dos processos de morte ao longo do tempo, o presente trabalho irá abordar as diferentes perspectivas sobre a finitude da vida, influenciadas pelos contextos históricos e culturais, bem como os impactos que essa temática exerce sobre a sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Não há consenso sobre o momento que o homem passou a refletir sobre a vida e, portanto, sobre o inevitável destino que lhe aguardava. No entanto, acredita-se que desde os primórdios da existência da espécie humana essa é uma questão que desperta inúmeras reflexões⁷. Nos dias atuais, a temática da mortalidade do ser é frequentemente o foco de diversas áreas do conhecimento, principalmente em razão de sua ampla interdisciplinaridade².

No Antigo Egito a visão da morte estava atrelada à imortalidade, representava a transição do efêmero ao eterno, vista como uma questão central naquela cultura. Diversos ritos de passagem eram reservados àqueles que com ela se encontravam, desde mumificações até a construção de pirâmides. Entre os faraós esses rituais assumiam importância ainda maior, pois havia a crença de neles residir toda a energia vital do reino. A mumificação prática que impedia o corpo de se putrefazer, era comumente usada, essencial diante da crença de que o espírito voltaria a habitar num futuro distante o corpo¹.

Para os gregos, a finitude estava intrinsecamente atrelada a sua mitologia. Para eles, os mortos eram levados por Caronte, o barqueiro, para uma região além-do-túmulo, e devido a isso, os entes eram enterrados com uma moeda na boca para pagar a travessia. Sócrates considerava necessário a aceitação veemente da morte como a separação do corpo e da alma. E o medo da finitude se daria pelo fato de não se saber ao certo o que acontece no momento do suspiro final. Para ele, o término da jornada humana não deveria ser algo triste, mas aceito e agradecido⁸.

Já na Idade Média o ocaso da vida era compreendido como algo natural e encarado com serenidade. Muitas vezes era esperada no leito das casas, pois acreditava-se que podia, de certa forma, ser domada e com isso as pessoas desta época supunham sentir a sua aproximação. Comumente ocorria uma preparação organizada pelo próprio moribundo para despedir-se daqueles ao seu redor. Neste período intensificou-se a busca pela remissão dos pecados, pela purificação, em virtude da crença que sem o perdão pelos atos cometidos, o indivíduo não conseguiria alcançar o seu descanso eterno⁷.

O reaparecimento dos túmulos individuais entre os séculos XII e XVI, muito comuns na Antiguidade, denota uma modificação no olhar sobre a finitude da vida. A partir desse período começaram a surgir práticas que individualizavam a memória daqueles que partiram e asseguravam sua sobrevivência simbólica, por meio de inscrições funerárias, túmulos personalizados, estátuas, máscaras e pinturas. Vale destacar que os túmulos particulares ocorreram em razão de questões político-sanitárias e não teológicas⁵.

No século XIX, ocorre uma nova transformação do olhar sobre a finitude da vida, que passa a ser retratada de forma mais sentimental e romântica, associada a ruptura entre amores, diante da qual o homem comum abdicaria do seu dia habitual². Até a primeira metade deste século, as pessoas enterravam os seus mortos na igreja, prática conhecida como morte eclesiástica, reservada principalmente àqueles que detinham algum prestígio ou *status social*. Os cemitérios, por sua vez, eram reservados aos excluídos como suicidas, indigentes, escravos e não católicos. A idéia era que, o quanto mais próximo da Igreja estivesse o sepultamento, maior seria a proximidade da Salvação, o que conferia à instituição grande poder sobre os ritos funerários. Com a vinda do discurso higienista aliado a questões econômicas e políticas da época, esse costume começou a ser contestado, sob o argumento de que representava um problema de saúde pública⁹.

A associação da cor preta à morte ocorreu somente no século XVI, que refletia a nova atmosfera sombria atribuída ao morrer. O uso desta cor servia

para separar os enlutados dos demais, uma apropriação simbólica dos mortos pelos entes queridos⁵. O preto fazia referência à chamada “bile negra”, que segundo concepções da época, era considerada responsável pelos estados melancólicos e depressivos¹⁰.

Com o tempo houve uma grande ruptura desta visão. A morte, antes guardada por figuras religiosas, passou para os leitos dos hospitais agora amparada por médicos, com o propósito de erguer um muro que afastaria os vivos dos mortos, que impedisse que os dotados de vida chegassem perto do moribundo. O período moderno, por conseguinte, foi marcado pela tentativa de dominar a finitude e pela sua mercantilização. Cemitérios foram reestruturados para acolher os visitantes, o luto foi capitalizado e o que era antes algo considerado cotidiano e comum tornou-se silenciado e impessoal⁷.

Por fim, nas Grandes Guerras Mundiais ocorreu uma significativa transformação na percepção da sociedade sobre os mortos. Na Primeira Grande Guerra Mundial, por exemplo, apesar de todo o horror vivenciado, os combatentes mortos foram frequentemente venerados como verdadeiros heróis. Na Segunda Guerra Mundial, no entanto, aqueles que perderam a sua vida não obtiveram o mesmo reconhecimento e prestígio, em decorrência das milhões de vítimas, das atrocidades cometidas e pelo anonimato de muitos que partiram nos campos de concentração¹¹.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado por meio de uma revisão narrativa de bibliografias, caracterizada como uma pesquisa qualitativa, com o objetivo de obter dados sobre a temática da morte e do morrer na história da humanidade. A partir disso, realizou-se uma análise comparativa dos resultados obtidos na literatura, para estabelecer uma reflexão acerca das diferentes perspectivas sobre a finitude e a sua influência na sociedade.

Justifica-se a escolha do método de pesquisa qualitativo, pois possibilita explorar os diferentes significados sociais e culturais atribuídos à morte ao longo da história da humanidade. Esse tipo de abordagem permite identificar as transformações nos conceitos acerca da temática escolhida, abordar fatos e fenômenos e articular com as mais distintas áreas do conhecimento como a filosofia, antropologia, história entre outros. Desse modo, proporciona uma visão mais ampla e conceitual acerca do tema¹².

Já a escolha do método bibliográfico justifica-se pela sua possibilidade de revisar e aprofundar o conhecimento através de obras já publicadas, além de permitir apresentar dados confiáveis e fundamentados na literatura acadêmica, publicados em periódicos reconhecidos, que possuem coesão com o tema estudado¹³.

Os critérios de inclusão compreenderam artigos publicados e disponíveis em revistas acadêmicas reconhecidas e que apresentavam dados compatíveis com os objetivos da pesquisa. Já como critérios de exclusão, foram descartados artigos que não possuíam relação direta com a temática, não apresentavam fundamentação científica e não atendiam os objetivos do estudo.

Por fim, os dados coletados foram organizados e analisados com o propósito de construir uma linha temporal capaz de explorar as diferentes concepções e simbologias da morte ao longo da história. Para isso, utilizou-se a análise de conteúdo, por possibilitar a identificação, a interpretação e a sistematização dos principais temas presentes no material selecionado.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As obras pesquisadas evidenciam as diferentes perspectivas de povos e culturas ao longo da história da humanidade acerca da morte e do morrer. Uma vez adorada, outrora compreendida como parte natural da existência e por fim repudiada, a morte revela-se como um tema recorrente em cada período

histórico. Portanto é notável que o limiar da existência foi (e ainda é) interpretado de maneira distintas, que refletem valores, crenças e contextos de cada época.

O ser humano, por ser consciente, é o único capaz de reconhecer a sua própria mortalidade e entende que, inevitavelmente, um dia dará o seu último suspiro. O indivíduo sabe que nasce e morre lentamente. A vida humana é linear, progressiva e a morte é o decreto final, é o término de todas as possibilidades mortalmente alcançáveis. Nesse sentido, a finitude representa o desfecho da realização do ser³.

Diante disso, ao longo do tempo, diferentes civilizações criaram mecanismos sociopsicológicos para lidar com a ideia da finitude da vida e a incorporaram de forma significativa à sua cultura¹⁴. Ou seja, a maneira como as pessoas compreendem a morte, o luto e lembram daqueles que partiram são construídos dentro de contextos culturais e compartilhados socialmente, o que acaba por refletir os diferentes valores e significados atribuídos por cada povo¹⁵.

Para algumas civilizações, o fim da existência é concebido como um ato de redenção e salvação, enquanto, para outros, é sinônimo de tristeza e dor, ou até mesmo de punição. Essas diferentes perspectivas demonstram a pluralidade da raça humana, onde grupos sociais frequentemente dão sentido à vida a partir da sua concepção de morte. O morrer, portanto, assume significados diferentes entre povos e indivíduos, resultado de um conjunto de elementos e crenças⁷.

Vale ressaltar que em algumas sociedades houve uma mudança da visão da morte como algo cotidiano/comum, o que a transformou em um tema censurado, segregado, negado e proibido de menção. Períodos como o moderno contribuíram para essa repulsa ao capitalizar a morte e o morrer, na tentativa de domá-la e afastá-la dos vivos⁷.

Por exemplo, a prática de “morte eclesiástica”, adotada por mais de dois mil anos e que conferia a igreja poder sobre os sepultamentos, foi gradativamente substituída pela inumação em cemitérios, em razão do discurso higienista, que condenava os riscos de saúde pública que esse costume trazia⁹.

A forma como uma sociedade se relaciona com os espaços destinados aos sepultamentos encontra-se profundamente enraizada em sua cultura, que reflete e reproduz regras sociais e as relações estabelecidas entre os vivos¹⁵. Durante a idade média, os cemitérios eram localizados em centros da vida social, a convivência entre os dotados de vida e os mortos era vista com naturalidade na relação entre os mortos e vivos. Apesar do odor e por vezes, da presença de cadáveres mal exumados, as pessoas não se mostravam desconfortáveis em partilhar alimentos nesses locais, um ato que nos dias atuais é considerado como impensável⁵.

Na sociedade atual, marcada pela adoração ao culto da juventude e do progresso, o fenômeno da morte é silenciado, negado e encoberto. Em consequência disso, há um grande uso de expressões eufemísticas para suavizar o ato de morrer¹⁶. Os rituais fúnebres também sofreram uma censura, o que era tido como uma cerimônia familiar, transformou-se num ato de repressão, os cortejos tornaram-se rápidos e modestos, e o enlutado, em prol de não incomodar os demais com a sua tristeza, acaba por não expressar os seus verdadeiros sentimentos⁴. Em virtude disso, observa-se uma perda significativa nas elaborações que o ser humano faz a respeito da finitude, tornando-a num processo solitário, sem espaço para sofrimento, luto e rituais¹⁷.

Muitos profissionais da área da saúde na contemporaneidade são induzidos a priorizar o corpo, o biológico e ignorar o contexto social e espiritual do indivíduo. Por causa disso, quando o paciente encontra-se num estado de morte iminente, há a negação desta, uma renúncia dos elementos sociais, culturais, psicológicos e religiosos que constituem a sua subjetividade, o que frequentemente acarreta na sua desumanização e sua redução à doença ⁴.

A questão que se lida com os mortos é um fenômeno coletivo, que ultrapassa valores e é repassada pelas condições estruturais das relações sociais. O convívio da humanidade com a condição mortal é algo que não pode ser considerado como estático, mas sim, como algo histórico e material. Cada sociedade e cultura desenvolve técnicas e rituais próprios para lidar com a ideia

de finitude, o que demonstra que mesmo universal é vivenciada de maneira particular e única¹⁸.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A espécie humana, desde seus tempos mais remotos, compreendeu e portou-se diante do fim da existência mortal das mais distintas maneiras, ora o concebeu como algo exultante, ora como algo natural e ora como um evento infausto. Em cada época desenvolveu ritos e costumes que o incorporaram de forma profunda na sua cultura. A pluralidade de significados atribuídos ao destino final denota a complexidade desse fenômeno, que atinge todas as esferas e classes da humanidade. Afinal, ainda que as formas de vê-lo se transformem ao longo do tempo, sua vinda é algo certo.

6 REFERÊNCIAS

1. Antonucci AT, Candido IPS, Neto AR, Schiavini M, Lehmann MF, Sganzerla A, et al. Morte, diagnóstico e evento. Rev Bioét [Internet]. 2023 [cited 2025 Jul 16];31:e3356PT. Available from: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/C9wVVFVL9XnmnhhkfHv6zMr/?format=pdf&lang=pt>
2. Gomes DM, Sousa AM. A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. Rev NUFEN [Internet]. 2017 [cited 2025 Jul 20];9(3):164-176. Available from: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300014
3. Oliveira RA. Antropologia da morte. Perspect Teol [Internet]. 2021 [cited 2025 Jul 16];53(1):203-224. Available from: <https://www.scielo.br/j/pteo/a/4vB7z968gFX3tfWgTXzWKHr/?format=pdf&lang=pt>
4. Combinato DS, Queiroz MS. Morte: uma visão psicossocial. Estud Psicol (Natal) [Internet]. 2006 Aug [cited 2025 Jul 17];11(2):209-216. Available from: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/?format=pdf&lang=pt>

5. Silva EQ. Ideário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica. Rev Bioét [Internet]. 2019 Jan-Mar [cited 2025 Jul 17];27(1):38-45. Available from: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/NPvQ3WfCzbCZpZM9JpYz4TR/?format=pdf&lang=pt>
6. Koenig AM, Teixeira LAS. Reflexões sobre a morte e o morrer. Cad Bras Ter Ocup [Internet]. 2022 [cited 2025 Jul 17];30:e3157. Available from: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/qMhFsGnBRVYGGSY64Xv5bjH/?format=pdf&lang=pt>
7. Dantas JB, Borges JER, Dutra AB. Entre a morte e a experiência da finitude: histórias e diálogos com o contemporâneo. Rev NUFEN [Internet]. 2021 Jan [cited 2025 Jul 18];13(1):1-19. Available from: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000100004
8. Santos FS, Incontri D, orgs. Perspectivas histórico-culturais da morte. In: Santos FS, Incontri D, orgs. A arte de morrer: visões plurais. 2nd ed. São Paulo: Comenius; 2009 [cited 2025 Jul 18]. Available from: http://pampedia.com.br/abpe/Artigos%20site/ABPE_siteArtigos%20perspectivas%20morte.pdf
9. Silva UG, Neves EM. Dinâmicas e fenômenos sociais: um estudo sobre a morte no cemitério da comunidade Nossa Senhora da Guia - Paraíba [Internet]. Paraíba: ABANT; 2025 [cited 2025 Jul 6]. Available from: https://www.abant.org.br/files/1466474897_ARQUIVO_DinamicasefenomenossociaisumestudosobreamortenocemiteriodacomunidadeNossaSenhoradaGuiaParaiba.pdf
10. Lamarão CMF. Luto e melancolia nas cores de Almodóvar. Cad Psicanal [Internet]. 2020 Dec [cited 2025 Jul 6];42(43):57-74. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000200003
11. Leenhardt JA. A impossível simbolização "daquilo que foi". Tempo Social [Internet]. 2000 Nov [cited 2025 Jul 18];12(2):75-84. Available from: <https://www.scielo.br/j/ts/a/JH6XD4qD5F559WLwKNNzMNF/?format=pdf&lang=pt>
12. Brito APG, Oliveira GS, Silva BA. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. Cadernos da Fucamp [Internet]. 2021 Apr 7 [cited 2025 Jul 20];20(44):1-15. Available from: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>
- 13.

14. Sousa AS, Oliveira GS, Alves LH. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp [Internet]. 2021 [cited 2025 Jul 20];20(43):64-83. Available from: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>
16. Mattedi MA, Pereira AP. Vivendo com a morte: o processamento do morrer na sociedade moderna. Cad CRH [Internet]. 2007 Aug [cited 2025 Jul 20];20(50):319-330. Available from: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/6dwBVkwTPWVFdZK3W8ZH5vJ/?format=pdf&lang=pt>
17. Grisales SPA. Fazer visíveis as perdas: morte, memória e cultura material. Tempo Social [Internet]. 2016 Apr [cited 2025 Jun 30];28(1):85-104. Available from: <https://www.scielo.br/j/ts/a/3nwyH4sPtPSKdMq5fTQPb7Q/?format=pdf&lang=pt>
18. Araújo PVR, Vieira MJ. A questão da morte e do morrer. Rev Bras Enferm [Internet]. 2004 May-Jun [cited 2025 Jul 17];57(3):361-363. Available from: <https://www.scielo.br/j/reben/a/6bzbjGXkBdsTsD89dGkKSVp/?format=pdf&lang=pt>
19. Nascimento LF, Arilo LMC, Silva LMO, Oliveira MAM. Compreensão da morte e do morrer: um estudo com residentes. Psicol Cienc Prof [Internet]. 2022 Jan 19 [cited 2025 Jun 30];42:e233879. Available from: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/NCry6nv9wmGBWB68CTDNcdB/?format=pdf&lang=pt>
20. Silva JL, Araújo AR, Souza NVDO, Pires AS, Gonçalves FGM, Ribeiro LFC, et al. Representações sociais da morte por acadêmicos de enfermagem. Cad Bras Ter Ocup [Internet]. 2021 [cited 2025 Jul 11];29:e2936. Available from: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/43HKgw8XZBFxXdSTd4CFC7K/?format=pdf&lang=pt>